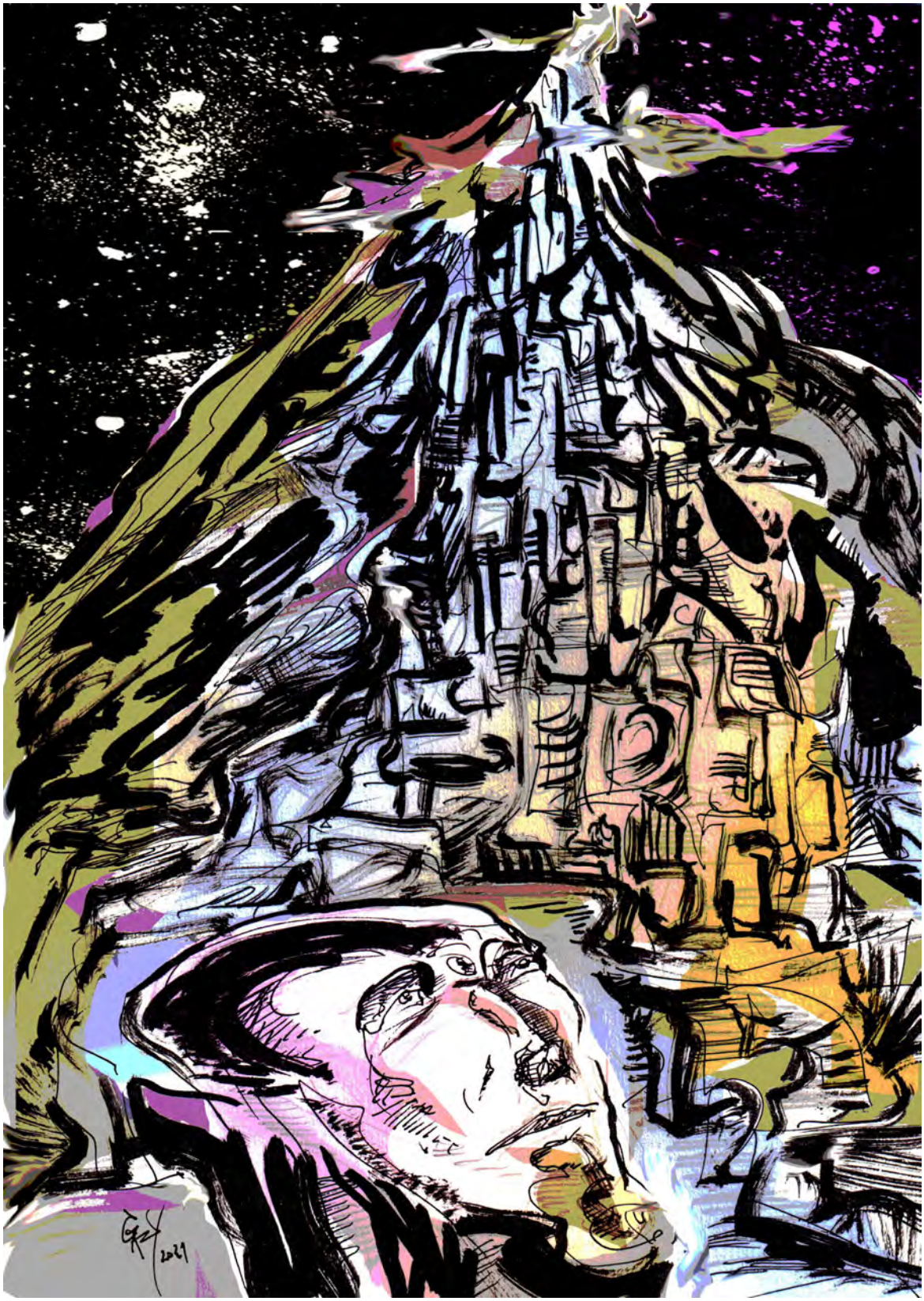
"O Escultorético"
e outras *Ficções Fantástico-Filosóficas*!



Artezine literário-imagético de Gazy Andraus
2021

"O Escultorético" e outras *Ficções Fantástico-Filosóficas*!

Um Artezine literário-imagético de Gazy Andraus

2021

Intróito

Embora eu seja um quadrinhista-poético, também escrevo alguns contos e poesias. Lancei em 2015 o artezine "FraterImagenes" contendo algumas delas, ilustradas por convidados.
Mas já há algum tempo, venho querendo juntar meus parcos contos ficcionais fantástico-filosóficos (*FFF*) num zine, e é o que faço nesta edição!
Para isso, juntei dentre 7 narrativas, 5 contos e duas crônico-poesias: "Olhos d´Órion" e "O fogo de dentro".
Dentre os contos, alguns são bem antigos, como "O Homem que fazia chover" e "Nilo e a Fruta" (tentativas de escrever para jovens) e Homens-Máquina" (este elaborado numa disciplina do curso de Artes Visuais que cursei parcialmente e na UFG em 1986/87, em que também tinha que fazer a ilustração – que fecha o zine).
Não há ilustrações para todos, mas fiz para a maioria, usando uma de Edgar Franco de quando escrevi a ele um conto baseado em um desenho a mim enviado (e publicado em seu livro "2021").
Por fim, apesar de a maioria ser inédita, o conto "A (in)consciência do horror plano!", embora não tenha sido apreciado numa publicação recente na internet, outra a aceitou para sua versão *online*, no zine *Scarium.*
Assim, espero que apreciem tal leitura, que igualnmente disponibilizarei na plataforma ISSUU!

Gazy Andraus, abr/mai de 2021

Olhos d´Órion!

Ouvidos Moucos!
Loucos não são. Sãos e sentenciados à vida!
Libertos e fidedignos deles mesmos.
Vieram.
Tolheram.
Correram!
E se embrenharam à mata d´Ouro!
Órion, estrelas-marias, que de incandescentes vieram ao breu!
Órion, gigante que abarca Betelgeuse, singrando na corrida do universo que se expande...
Órion, cuja nebulosa esconde indômitas nuances.
Quem és que brilhas ao longe, e que cá chegas de ontem?
Vivemos, crescemos e morremos...mas revivemos em sua luz!
Olhas!
Estais aqui conosco, e devaneio não o é.
Rasgos de luz, raios de sus!
E aqui finda o começo, matriz, esteio e viga
Standas e de pé assolas a alma.
Na ternura do cometa, panespermia cósmica, brilhando novas vidas!
Algoritmo do céu, eis-nos não mais ao léu!
Regozija em tua esfera, e abre-te em tua nova Era!

Gazy Andraus

O Escultorético

Montanha, a mais alta já vista, e que na verdade nunca era vislumbrada por inteiro, naquele distante lugar, pois seu cume varava os céus, e singrava até o espaço cósmico.

Lá aportava uma cidade muito próxima à montanha. E nela os cidadãos viviam sempre em paz da mente, nunca se inquirindo até onde a montanha podia alcançar em altura.

Mas havia um jovem, um adolescente que não tinha a paz que seus semelhantes ostentavam. Este menino-moço tinha sempre seu olhar dirigido para o mais alto que sua vista podia alcançar. E mesmo assim, ela nunca conseguia finalizar a misteriosa montanha.

Ele perguntava a seus familiares se saberiam lhe dizer até onde iria aquela misteriosa elevação, mas eles nem se preocupavam com a questão do jovem imberbe.

E assim se passaram os anos, e cada qual dos seres realizando a tarefa que se lhes era incumbida. Pois ali naquele lugar, cada um já nascia sabendo a que profissão se destinava...embora cada um deles pudesse realizar qualquer coisa que almejasse (pois suas mentes funcionavam com a lógica aliada da intuição: ambas juntas, e assim sabiam tudo de tudo a que lhes fosse incumbido), cada qual se limitando ao que deveria fazer. Pois eles nasciam com um tipo de vibração energética única...e assim, seguindo a vibração eles faziam "melhor" e com prazer total aquilo que intuíam dever executar.

Mas o jovem impetuoso, não!

Ele tinha algo como que um bloqueio vibracional que fatalmente o impedia de sentir esta paz, desvirtuando-o do serviço "incumbido".

Como os seres tinham paz, isto não os incomodava (não havia preconceito), pois para eles se o menino era assim, era porque assim o deveria ser: a perfeição e a "imperfeição", ambas faziam parte, em verdade, da perfeição cósmica - pois se proveniente do cósmico, era porque assim o era, pois perfeito, pensavam.

E o menino-rapaz tornou-se adulto, e vagou por profissões distintas, diferentemente de seus conterrâneos. E às vezes exercia a profissão de Escultorético (uma profissão de lá, onde todas as esculturas criadas por tal profissional eram de uma beleza inigualável, estupenda!).

E numa dessas suas construções estéticas, havia algo de súbito; de misterioso!

E o coração do homem sem profissão (ou de muitas profissões), professava angústia.

E era algo que crescia intimamente, e se elaborava impetuosamente.

E as pessoas se maravilhavam com o aspecto da obra: ela se tornava dia após dia maior. Seu aspecto, que inicialmente lembrava vagamente uma fortaleza, começou a se modificar e se equiparar ao sopé da montanha-sem-fim, cujo mistério motivava e angustiava o escultor-honorário.

E dia após dia ele se levantava mais cedo, olhava ao alto, até onde sua vista alcançasse, para depois tornar-se a por em obrar a escultura (que similarmente à montanha, parecia não mais ter fim).

E a construção continuou por meses.

Depois os anos vieram, e o homem-dúvida já parecia ter definido (talvez alheio à sua vontade consciente) ter-se tornado um escultorético mesmo.

E as pessoas já não se importavam com a obra: mas esta havia tomado tal proporção, que a cidade começou a se modificar para que não fosse engolfada pela montanha replicante.

E assim, mais anos se escoaram pela ampulheta eterna, e o jovem homem havia se tornado um ermitão por força de estar empenhado em sua obra: construindo locais de moradia temporários na própria escultura, para seguir em frente fazendo a (sua) montanha sem fim.

E ninguém mais o via, pois a cidade fora se afastando da montanha-obra, e o homem subindo cada vez mais com ela (tal qual as construções de uma pirâmide sem fim).

Dia veio, quando o homem, já barbado, mas cada vez mais robusto, mesmo com a idade de trinta e três anos e meio, pôde erguer sua cabeça aos céus e, afinal, devido à grande altura em que se encontrava (graças à sua montanha esculpida), vislumbrou afinal, o que parecia ser o fim da montanha original, que antes nunca pudera ver.

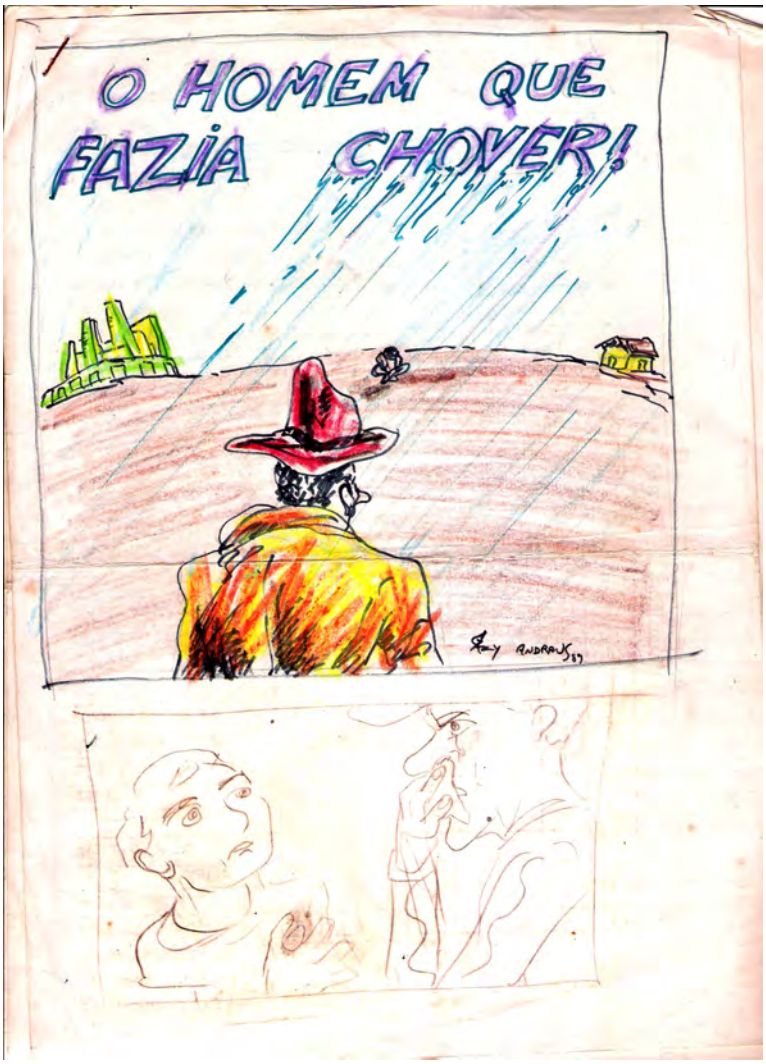
E então ele soube!

Aquilo que havia carregado durante esta vida adulta, até aquele momento único, ele pôde saber: o fim daquela montanha não existia (mas também existia, paradoxal e misticamente!).

Seu pseudo-fim era uma grande base, uma área plana. E o homem pulou de sua obra para a outra original e viu: viu vários homens rindo e festejando...viu uma cidade e dentro dela as casas, similares às que eram de sua cidade natal.

E olhou nos semblantes de todos...e entendeu que eram felizes...e no centro da cidade viu uma base montanhosa que se erigia aos céus. E quando voltou seus olhos para o alto viu que não conseguia visualizar mais nada...exceto o assombro de que via o fim daquele cume: e no fim dele jazia uma escultura do tamanho de um homem.

E esta escultura magnífica de mármore, definia a forma de um escultorético sem rosto como se estivesse erigindo uma base, tal qual a de um futuro monte...e quando o homem-vivente olhou mais fixamente, pôde ler de alguma forma, o que estava inscrito na escultura:
“Dedicado àquele que redimiu nossas vidas de um trabalho mais pesado: sofreu por nós o ato da dúvida, e com isto elevou-nos diretamente à benção dos céus paradisíacos, encurtando nosso caminho, passando ele mesmo - e só - pelo tormento antes necessário do sofrer angustiante da alm’umana.
Obrigado jovem-mártir. Obrigado é o que diz nosso povo inteiro.
E descanse afinal de sua dúvida, tornando-se sempre-feliz como nós somos...vivendo aqui com nossos eus renovados!”
É o que dizia ali.
E o rosto do escultor, afinal tornou-se sem rugas, caindo em esquecimento o semblante do sofrimento...e este rosto agora renovado passou a ser refletido rapidamente pelo da escultura, repetindo-se no desta que até há um décimo de segundo atrás não possuía forma.
E o homem desceu de novo, (re)encontrando a população...e viveram como sempre têm vivido...como deuses felizes, co-construindo o cosmo.
Sem nenhuma dúvida e/ou angústia. Jamais, como se nunca tivessem-nas tido!
Gazy Andraus



G. Andraus

O Homem que fazia chover

Eu morava perto da cidade das 15 portas. Mas só ia para lá de vez em quando. Vez ou outra eu parava no meio do caminho, entre a cidade e a minha casa. Podia vê-las ambas. Sentava-me na areia do caminho e ficava pensando. Por que só podia ir para a cidade e para a casa, e então da casa para a cidade? Não havia algum outro lugar para se ir?

Então, certo dia, quando eu pensava naquele mesmo local, vi uma figura engraçada, e alta, vindo de não sei onde, cantando e assobiando. Quando o homem se aproximou de mim, perguntou:

-Oi, rapaz. Que faz você sentado aí num belo dia como esse?

-Eu...é que tenho uma dúvida.

-Ah, uma dúvida. Sim, sim, todos os garotos de sua idade têm uma...às vezes duas, e quando são muito bagunceiros até três. Mas diga, quem é ela?

-Ela quem?

A sua “dúvida”. Ora vamos, a sua “princesa”.

Mas não é nenhuma princesa. É uma dúvida mesmo.

-Bem, então está certo. Qual é ela?

-O que há além da minha casa e a cidade? O senhor deve saber, afinal o senhor vem de um caminho que nunca fiz.

-Bem, bem...na verdade não há muita coisa além desta casa e desta grande cidade.

-Não...? Mas...

-Quer dizer...nada que seja muito importante.

-Ah. Puxa...- desanimei com isto. Esperava algo grande...

-Ei...não chore, rapaz.

De repente começou a chover, e o homem engraçado tirou um lenço e assou o nariz. Mas não havia nuvens no céu...só as leves. Como podia estar chovendo?

-Pára de chorar, rapazote. Quando alguém chora...eu...eu...

-O senhor está chorando?

-É...eu choro também, e aí começa a chover.

-Então esta chuva é do senhor?

-Não sei se é minha, mas sempre me acompanha quando eu choro...e eu só choro quando vejo alguém triste...

-Ha, ha, ha (comecei a rir euforicamente, e a chuva parou...e ressurgiu o Sol).

-Puxa...por que está rindo, rapaz?

-É a primeira vez que vejo alguém fazer chover.

-Mas, sabe...você também é engraçado.

-É? Por quê?

-Você começou a rir, a chuva parou e surgiu o Sol. Eu faço chover, mas você faz aparecer o Sol.

-Ei...é mesmo. Ha. Ha. Ha.

-He. He.

E nós dois nos abraçamos e ficamos muito amigos um do outro...até o dia em que o homem que fazia chover teve que ir embora...não sei por que ao certo; ele disse que já era tempo, e que talvez algum dia voltasse.

Fiquei muito triste com sua partida...e ele foi sumindo no horizonte, com uma nuvem de chuva atrás dele, até que os dois sumiram de vista.

Desde este dia, a qualquer sinal de chuva eu penso que é ele que está voltando, mas quando a chuva passa, eu vejo que não, então eu olho pro chão e fico triste. Eu queria tanto que ele voltasse...

Então eu lembro o dia em que ele pensou que minha dúvida fosse uma namorada...ha, ha, ha. Que engraçado era ele, ha, ha.

E então logo surgia o Sol, brilhante e altivo, trazendo muita alegria ao meu coração. É...realmente, será que eu faço aparecer o Sol quando eu rio?

Eu acho que sim, mas não sei ao certo.

E você? Quando ri, faz o Sol aparecer também?

Fim

Gazy Andraus

Nilo e a fruta que não existia.

Num destes dias chuvosos, Nilo olhava para janela, pensando na vida...ele tinha muitas lições de casa para fazer, lições que a professora da escola sempre teimava em dar para seus alunos, para que eles "ficassem" inteligentes. Mas Nilo nunca compreendia porque tudo isto tinha que ser chato, sem graça...ele queria mesmo era sair, brincar, comer goiabas, namorar com a linda Lucia, rir das brincadeiras ingênuas de seu primo Zé Filé...
Mas também estava chovendo...e muito.
Então ele olhava pela janela e aguardava...já estava se tornando noite. Ele jantou com seus pais, mas continuava meio triste...ele queria ser feliz de novo, e brincar lá fora...mas agora já era noite, e tinha que terminar sua tarefa da escola.
-Ara, pruquê as coisas são sempre assim? Quando nós queremos fazer alguma coisa, sempre tem outra impedindo? Porquê?
E foi ele dormir, sem ter conseguido terminar a lição de casa, meio triste, mas esperançoso que amanhã ele pudesse fazer o que não pôde hoje.
E dormiu.
E de repente ele se levantou no meio da noite, foi beber um pouco de água, mas da janela de fora uma luz forte apareceu, junto com o som da chuva que não parava.
Curioso, ele correu para a janela e olhou para fora: nada viu, só uma luz que aumentava de força, e mudava de cores.
E sem perceber como, ele não estava mais na cozinha...ele se achava numa grande sala iluminada...e homens compridos, de olhos grandes e amendoados, e de rostos belos olhavam para ele...Lino não ficou com medo, mas perguntou quem eram e onde estava.
-Você é um menino muito inteligente e de coração puro. Toda a tristeza que você sentiu hoje vinha de uma vontade sua de viver feliz. Então, resolvemos mostrar a você um mundo onde as pessoas se parecem com estas onde você vive, mas é um mundo onde todos são sempre felizes - e mostraram para ele uma grande tela, como num cinema, onde aparecia uma bela cidade, e no céu tinha dois sóis, e as pessoas eram sempre felizes. E elas não andavam, mas sim levitavam, e todas eram belas, e sorriam...ele viu umas crianças brincando e comendo umas frutas que pareciam goiabas, mas eram diferentes...e o mais engraçado é que Lino sentiu o cheiro das frutas!
E ele perguntou aos homens:
-Neste mundo não há tristeza?
-Não, porque ela só existe no seu.
-E nós poderemos viver lá, neste mundo alegre?
-E os homens apontaram para o ecrã, dizendo a Lino que prestasse atenção em um menino que "corria" alegre em direção a uma grande árvore cheia de frutos. E o menino estava acompanhado de uma linda menina. E os dois "subiram" como que voando para a árvore, e lá pegaram algumas frutas que pareciam ser deliciosas...mas nem o menino, nem a menina, comeram os frutos com as próprias mãos...eles na verdade serviram um ao outro, oferecendo as frutas diretamente nas bocas, como num ato de gentileza, e então comeram os suculentos frutos.
E os homens altos esquisitos disseram para Lino:
-Você conhece aquelas crianças?
-Não, respondeu o sagaz menino - mas elas me são familiares!
-Bem, Lino, já está na hora de você voltar para sua casa e dormir...
-Mas vocês não me disseram se um dia nós viveremos naquele lugar maravilhoso!
-Ora, Lino, aquelas crianças você as conhece, embora não se lembre...O menino é você mesmo.
E de repente Lino sente algo puxando-o de vez, e tudo se escurece...e de manhã ele acorda, em sua cama, e como em todo sonho, ele não se lembra de muita coisa...
Levanta-se rápido, pois tem que se vestir para ir à escola, antes que chegue atrasado. E quando sua mãe lhe chama para tomar o café da manhã, Lino vai, mas antes de comer qualquer coisa, ele sente um gosto diferente em sua boca: é um gosto suave e doce de uma fruta diferente, parecida com uma goiaba, mas que ele nunca viu antes...e ele se lembra do sonho! E ele se lembra de tudo o que viu, e então se sente feliz. Muito feliz!
E naquele dia ele decide que a tristeza não existe, porque ele (e todo mundo) vive sempre no mundo da alegria (aquele outro mundo que ele viu no "sonho")...mesmo que ali, naquele instante, ninguém saiba...ou melhor, ninguém se lembre disso!

Finis (Gazy Andraus)

Onde as (nano)cores se arvoram

Gazy Andraus (com base numa ilustração em Deep Dream de Ciberpajé)

O nanolocal colorido (nanoparte 1)

Ei-lo...planeta Terra (e água por todos os lados)!

Chuva desabando...e o sol a despontar no fragmentar das nuvens em gotas.

No interior multicolorido do arco-íris refletido, jaz um nano-universo. Sua (con)formação tem a ver com os reflexos de luz ancorados nas gotas de chuva que despencam sobre os relevos do planeta...

Não importa qual seja a esfera giratória, mas esta é sua simbiose com nano-universos colapsados, que se abrigam, cada quais, numa das gotas líquidas que se refazem a partir das nuvens e do ciclo baseado no aquecimento da estrela-regente extra-planetária.

Sol!

Mas ali, na gota, há vida: a "matéria", não apenas translúcida, mas revestida de cores lineares segmentadas, tais quais as que perfazem os arcos-íris.

Ainda assim, os seres que habitam aquele nanomundo goticular são reflexos deste outro mundo maior, mas com nuances diferenciais...como espelhos amplificados e transmutados.

Seres que lá existem se refletem em qualidades ampliadas, mas distintas. Crianças, jovens, adultos, senis...homens, mulheres, transmorfos. Todos lá se portam à natureza arcoírica. Casas, ruas, veículos, objetos. Tudo, absolutamente tudo permeado por feixes de colores arcoirizados, e que jamais seriam perceptíveis ou identificados pelos terrenos que daqui visualizam o(s) arco(s) na atmosfera da Terra!

Lá, naquele *outromundus* de plenas cores, cada vivente resta com sua tarefa como contraparte daqui, tendo sua peculiaridade que jamais poderia ser cá interpretada em sua integridade!

Lá é outro mundo, literalmente! Mas dentro da gota, do orvalho, do oceano nano-mundo é que se colapsa em instantes, quando aqui transparecem os arcos-íris (por vezes duplos gêmeos) intensificando a polaridade dual daquele alter-plano de existência!

Pois reside em cada de uma das gotas...um nano-mundo!

Mas vamos saber o mínimo de tal existência, a partir do entendimento racional humano, ao se narrar aqui um fato corriqueiro do "lá-lugar-outro", que ocorre numa destas gotas...

A "sociedade-colorizada" (nanoparte 2)

O sínodo arco-írico, por exemplo, dos seres que detêm a gama de sabedoria-mór é formado por entidades de alta conformação espiritual, que residem além das "cidades" locais goticulares, por assim dizer.

Em geral, os seres de luz/feixe-colorizada podem (ou não) caminhar dentre as linhas colorificadas, mas muitos deles têm outras conformações de membros, que podem escorregar, rastejar, ou mesmo levitar!

A alimentação se transmite (e se transmuta) via retinas, que detêm as cores afloradas e delas transubstanciam os materiais necessários à manutenção de seus corpos semi-materiais.

As instituições de ensino de lá são como palácios suntuosos e todas as construções se arquitetam e se remontam linearmente por cores, de acordo com os "arcoirísteticos" que utilizam a matéria-energia semi-coagulada como parte da conformação semimaterial das paredes" (ou algo proximamente similar, a que entendamos).

A comunicação se faz via sonorização-colorista, e as cores transmitem-se por sensações sinestésicas. Cada cor reverbera uma sensação auditiva e com isto, a gama complexa de relações comunicativas é definida por variáveis-patamares (jamais vislumbrados pela comunicação terrena, que aqui se dá via contraste de luz e fonemas sonoros)!

Lá, há seres cuja transcendência possibilitada trazem um corno específico colorido na testa (o "color-corno"), como parte potencial de seu crescimento exponencial de magnitude senciente!

A transcendência-orvalhal (nanoparte 3)

Para que se chegue perto do que seria tal entendimento, relata-se aqui uma das fases de alteração de tais seres.

Do sínodo, surge uma de suas entidades espirituais portando a espada/retino-írica. Assim, ao ser convocado para instruir um dos seres unicorniais jovens, ele, ao encontrá-lo, gentilmente afaga o chifre de sua testa, preparando a espada-írica com a outra mão, e em seguida, remove o color-corno, substituindo-o pela espada. Esta, ao ser introduzida no local agora vago, insere-se via cabo e pomo em forma de cruz, verticalizando-se e expandindo sua conformação colorizada.

O jovem imberbe e descornado, agora, recebe uma verticalizada espada em sua cabeça e esta reluz absorvendo as cores multivariadas do plano de existência de tais seres, e o transforma num ente mais sinestésico, podendo inclusive, absorver partes da estrutura de energias perimetrais oriundas de buracos negros, auxiliando-o a reter a potência sugadora de suas conformações.
Segue-se, então, uma opção interessante: o color-corno retirado pode ser mantido, resguardado, para que seja amplificado e, logo que esteja mais "en-*cor*-pado", durante o orvalho terreno, é arremessado pelas "linhas" do arco-íris (ainda que este não seja visível a todo instante, lá ele é pleno em sua existência). Ao chegar ao seu extremo final, o corno colorizado se materializa no solo terreno do planeta Terra e, com as gotas derradeiras da chuva advinda das nuvens, e como parte da luz refletida de suas gotículas, embebe-se e se "re-deforma" como semente, arvorando-se em um futuro possível, ao germinar e crescer como uma árvore – então um vegetal, do solo ao qual eclodiu!
Dela, da árvore, o sustento de Gaia se mantém equilibrado, fincando suas raízes, pois o color-corno alude e tempera - visto que recebera uma composição quimérica de cores a partir de energias luminares e até de campo gravitacional (do buraco-negro em conluio ao terrestrial) que se reflete na gravidade planetária!
Cor-clusão (parte 4)
Assim, sem que nenhum ser terreno o saiba, o reconheça, ou sequer o imagine, eis que o nano-universo senciente e sinestésico colorizado interfere na manutenção planar terráqueo-universal!
Eis o ponto *sine-qua-non* do arco e seu íris, que é revivenciado visualmente por cada humano, em suas membranas pigmentadas presentificadas em cada um de seus olhos!
É assim que a gota em seu mínimo centímetro, decímetro e nanômetro, então unificada fractalmente se locupleta enraizando-se e renderizando-se num universo colorido, ao mesmo tempo em que enegrecido pelo vácuo sideral, pontuado por luzes estelares, e ajuda a existência a piscar! E num contraste incessantemente colorizado, imenso e ao mesmo tempo - nanico - englobando todos os seres...dos terrestriais aos arcoíricos e estratosféricos!

Gazy Andraus, abr/maio de 2020.

Ilustração: Ciberpajé
Para baixar o livro original "2021" com este conto e de outros autores:
https://www.marcadefantasia.com/livros/tertulia/2021/2021.htm

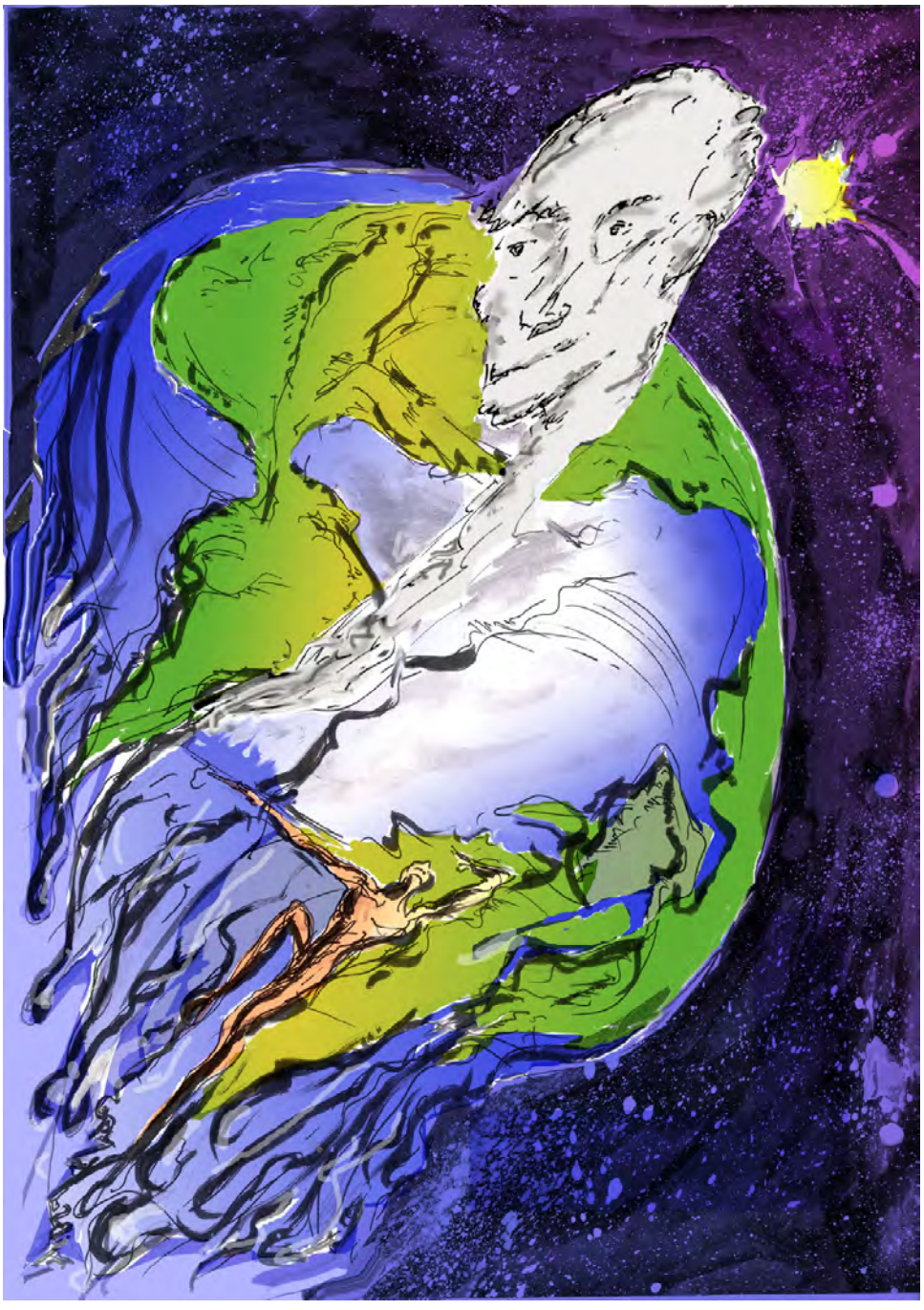
A (in)consciência do horror plano!

Planetas.
Singram o cosmo, tais quais bólidos interestelares! Suas formas arredondadas, de gravidades díspares, se situam dentro de voleios de estrelas. Sóis abundantes que iluminam e dragam as vidas dos planetoides.
Porém, n´algum instante do desenvolvimento cósmico das (e nas) galáxias, até mesmo insurreições e alterações podem aflorar...
A consciência, tão declamada e defendida como objetivo a se alcançar do espírito humano terrestre, quando concernente à esfera azulada da galáxia láctea, esteve em processo de reentendimento pela ciência atinente aos seres bípedes (que se desenvolveram de quadrúpedes, quando remetidos tais conceitos às reminiscências geológicas terrestres).
É por esse entendimento então, que uma simples pedra – mineral fragmentário – pode ser provida de uma consciência, mínima qual seja.
A se confirmar tal especificação não se deve negar que, assim "como é acima é abaixo" (aforisma humano hermético do *Kybalion*), em que os astros interestelares, neste caso, possam também ter graus e/ou níveis de consciência!
Pois é desta feita que o tenebroso fato aqui a ser narrado atesta tal possibilidade quantificada (pois da esfera quântica – em que a realidade pode ser luz ou onda e/ou matéria, a depender dos esforços mentais de seus partícipes que subjetivam seu objetivismo).
Narra-se assim, como se segue, o voleio fatal...
Este planeta, habitante duma das miríades galáxias que residem no cosmo (no caso, a Via Láctea *per si*), devido à sua consciência transtornada após tomar ciência que os vis humanóides − representados no orbe pelos seres ditos inteligentes e (in)conscientes que o habitam − lhe remetem ao perjúrio, tornando-o desgostoso com tais falseamentos, resolve se "rebelar" partindo para uma autotransformação, achatando-se até aterrorizar, asfixiar, destruir, esmagar inclusive seu material agregado artificialmente (ainda que matéria-prima pertencente à sua própria essência bruta) e, atarracado, de planeta esférico, passa a chato, enregelando seus polos, insurgindo-se ao reino cósmico!
Esta teria sido sua primeira afronta, além de, depois, arremeter a si mesmo em direção ao astro-rei, causando desequilíbrio inicial em todo seu sistema solar!
Assim, desejosa aquela quantia de *terraplaneiros* de comprovar contrariamente aos restantes defensores do formato original do planetoide, tendo inclusive já massacrado um quinto e espezinhado outro quarto destes últimos que defendiam sua forma arredondada, e deplorando hereticamente ao clamar e bradar que a Terra se situava plana e que singrava solitária como centro gravitacional a se iluminar por um sol artificial (o qual cambiava, segundo eles, por outra fonte de emanação singular de menor intensidade que afetava as marés), é que o planeta, desgostoso destas afrontas para com sua gênese vital, resolveu antecipar seu fim, o qual em realidade teria levado, se não efetuado este ato, mais alguns bilhões de anos a ocorrer.
Porém, é assim que tal consciência de Gaia não mais suportou e decidiu cumprir letalmente a imaginação quantificada de – agora – mais da metade da população ensandecida, se dobrando à sua ilusão e realizando na realidade tridimensionalizada o que vociferavam enquanto agrediam os que de suas idéias desdenhavam, se deixando também ser dragado em direção ao extermínio solar!
Pulverizado, o terceiro planeta que distava do astro-rei não mais existe enquanto que todos os outros permanecem incólumes (e redondos) mantendo o equilíbrio salutar daquele sistema, da galáxia e das constelações!
E a virulência maledicente humanóide não mais se postou presente para deformar tal equanimidade cósmica, deixando de perturbar as consciências planetárias!
É pena que nesta catástrofe, muitos que desejavam viver nesta ordem sideral e não contrariavam a realidade bólida dos planetas, foram também dizimados...
Pois como narrado, ali, em meio a eles, se amplificou um macróbio gerado pelos *ids* aglomerados dos insensatos, tal qual um câncer metastático que afetou a consciência viva em seu grau inerente: Gaia!
Horror cósmico a tal planeta, em que mais da metade das mentes de seus habitantes forçavam uma alteração em sua realidade que lhe tiraria do equilíbrio da rotação e translação por longos milhões de anos, afetando sua magnitude e sua quietude e vivacidade, não poderia perdurar como perjúrio de sua integridade!

Melhor seria se reintegrar para quiçá retomar sua essência de outra forma, num outro espaço-tempo!
E foi assim que tal horror mental-planificado, ao afetar a consciência do terceiro orbe solar, pôde ser extirpado, definitivamente, para júbilo do reequilibro cósmico (e paz mental do planetoide esférico que se viu forçado a terraplanar-se, desagregando-se do espaço sidéreo)!
E a (des)humanidade se dissolveu em sua (in)consciência chafurdada no próprio oceano da vacuidade cósmica!

Gaia, então desvanecida, poderá aguardar seu retorno...para sua próxima circunvolução!

Autor: Gazy Andraus



G. Andraus

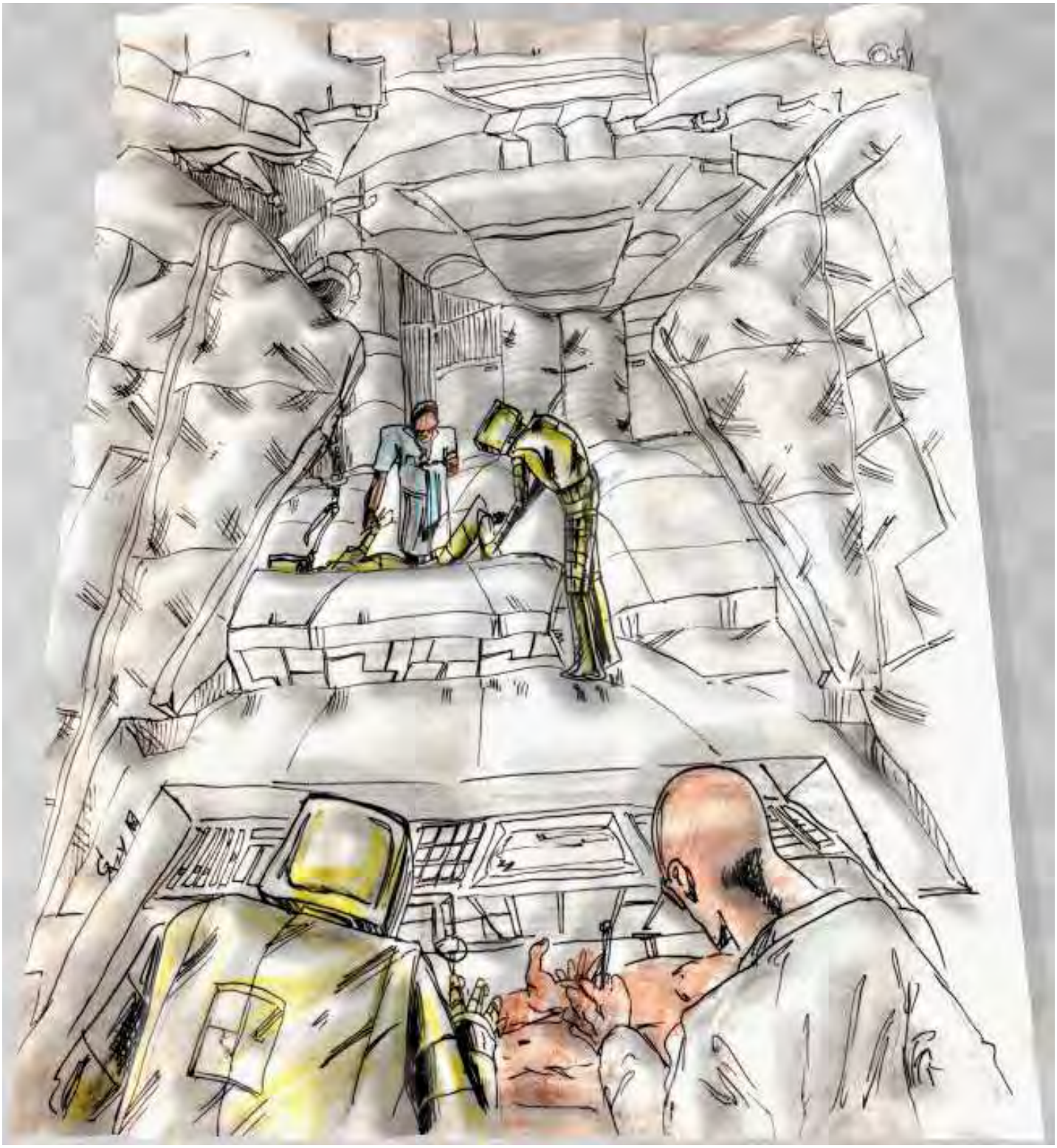
O fogo de dentro

Caminhou por toda a vida. Buscou saber porque havia a parede. O branco, o todo. Buscou singrar o espaço.
Eis o homem, assolado pelas intempéries e por sua cor de pele fustigada, tez gasta, desbastada pelo vento e sol.
Mas havia duas correntes. Uma na areia, asfaltada pelo pó, cimentada pelo tempo, empoeirada pelas teias.
A outra levitava, doirando no ar, como ouro reluzente, mais leve que pena, porém pesando um mundo nas costas.
Atlas o ergueu, mas não agüentou.
Caiu, duas vezes, e pela segunda afundou no solo.
Sumiu sem vestígios. Nos píncaros da vida, do morro, jazia semi-morto o homem-deus do fogo dado ao homem-terra-criança.
Continuou singrando e não mais desistiu.
Entrou em esferas múltiplas, carregado pelo éter, quintessência vital, *lumière* alquímica dos magos transcendentes.
Desviou seu olhar, e a luz não o atingiu.
Esbaforido de dragão colossal, camada após camada, erigindo concreto do mar.
Açoitando o vento e gritando espasmos.
Eras perpassaram e vingaram.
Estrelas galaxiais nasceram, morreram, titubearam, giraram, esfriaram, dividiram-se e reN0VAram-se.
Epiderme cósmica surgiu, e como ninguém percebeu, Deus se curvou.
Sem corpo, mas pesando toda a existência, dedilhou a matéria enegrecida, concedendo seu dedo ao ponto zênite, máximo da aurora da existência.
Acroceu levantado, erguido, de uma sepultura translucidada, duelou contra o titã pré-histórico...apogeu do ciclo, término do conceito.
Sangrada aurora, macroDeus antológico, petrificada inércia cósmica!
Insurrecto, ergueu-se, moldou, remoldou, e as esferas cósmicas se planaram ao vácuo sideral!
Dentro de um dos orbes daquela esfera de trilhões galaxiais, ergueu-se o reflexo pulsar atômico de sua essência.
Fez-se a vida pós-vácuo!
Partenogênese essencial eclodida, prevendo o vind´Ouro!
Dali, caminhou por toda a vida iniciada...reiniciando o fogo factual do princípio!

Homens-Máquina

Barulhos de motores estampidos metálicos fazem-se ouvir em meio ao fervor daquele árduo trabalho! O mundo precisa prosseguir! Não há como parar! Continuem! Continuem! Não importa quantas vezes caiam. Ergam-se novamente! A Escalada para perfeição é grandiosa...e nela perecem aqueles que não conseguem continuar!
Homens e mais homens, lado a lado, sem sorrir, sem chorar, se movem incansavelmente...colocando em ação as máquinas (por eles antes construídas) para que estas lhes apressem o serviço.
O suor lhes corre o corpo.
Os músculos se retesam ao máximo.
É preciso mais óleo para que não façam rangidos.
Mas eles não param...e as máquinas cada vez parecem pedir mais e mais...como demônios incansáveis pregando o mal por todo o lugar...sem parar!
Pronto! Está feito! Mais um serviço completado.
Sim! As máquinas produziram outro “algo” para que a humanidade possa prosseguir seu louco avanço.
Sim! Elas, com a ajuda daqueles guerreiros de ferramentas nas mãos, conseguiram completar mais um produto da escala...e de série! Mas...! O que é isto? Outro homem tombou... Pode estar morto! É claro! Foi devido ao grande esforço de seu trabalho! Que Deus o tenha! Afinal, foi em nome da humanidade...do Progresso!
Porém, o serviço deve prosseguir. As máquinas precisam continuar funcionando, e os homens trabalhando...para que outro produto seja fabricado...para que outro homem esteja pronto para o trabalho. Pois o primeiro substituirá aquele que caiu!
Mas...o trabalho precisa prosseguir..e assim será...pelo progresso...pela humanidade... Pelos homens-máquina!

Gazy Andraus, 4 de dezembro de 1986



Homens-Máquina

Gazy Andraus
E-mail: yzagandraus@gmail.com, gazyandraus@ufg.br,
Bogs: http://tesegazy.blogspot.com/, http://classichqs.blogspot.com/
Site de Gazy Andraus (WIX) https://yzagandraus.wixsite.com/gazy
No facebook: https://www.facebook.com/gazy.andraus
Instagram: https://www.instagram.com/gazyandraus/ e
Twitter: GazyAndraus (@AndrausGazy):https://twitter.com/AndrausGazy
Todos os episódios do **GaZine** no youtube, aqui: http://tesegazy.blogspot.com/p/gazine.html